



# O Homem e o Mundo

## "CORRESPONDÊNCIA DE CAPISTRANO DE ABREU"

De EVARISTO DE MORAES FILHO

JÁ foi observado por muita gente que somos um povo pobre em divulgação de documentos íntimos. Por outro lado, somos também escassos em publicações autobiográficas ou de memórias. E nem se pode dizer que seja por penúria de grandes personalidades, porque essas as temos ou as tivemos em largas épocas da nossa história. A verdade, porém, é que pouco possuímos de correspondência trocada entre pessoas eminentes, de diários, de anotações particulares, de documentos, enfim, que penetrem fundo o lado escondido e reservado da vida humana. Estamos acostumados a ver o lado externo das criaturas, que se escondem pudicamente dos olhares alheios como uma donzela surpreendida em trajes menores.

E para conhecimento, não só de uma pessoa, como também de acontecimentos sociais ou de períodos históricos, são muito úteis e indispensáveis esses documentos humanos. Trata-se de verdadeiro material de investigação e pesquisa social, capaz de oferecer explicação exata à ação ou à conduta de alguém em determinada conjuntura de sua vida. O que não foi dito de público, muita vez é segredo numa página de diário ou numa confidência a um amigo através de uma carta. Quem vê cara não vê coração, e é este que se mostra quando conseguimos espiar os indivíduos em sua existência particular e íntima.

Ainda agora mesmo tudo isso se confirma com a publicação das cartas de Capistrano de Abreu, escritas a mais de uma dezena de pessoas, sem o cuidado da letra de forma, muita vez sob o estilo de simples bilhete. Apanha-se o velho Capistrano em seus sentimentos mais secretos, em suas ojerizas, bemquerenças, aversões, tristezas e alegrias. Ao redigir essas cartas, nem de longe poderia supor Capistrano que algum dia veriam elas a luz do dia. São expansões sinceras e espontâneas, sem a preocupação de esconder ou revelar aquilo que não queria. Daí exatamente a sua importância maior para a compreensão da vida e da época de Capistrano de Abreu.

Devem-se a organização e interpretação das cartas — manuscritas numa letreirinha miúda e difícil — a uma equipe de funcionários dirigida por José Honório Rodrigues, de há muito especializado em historiografia brasileira e muito particularmente na própria obra de Capistrano, cuja reedição também está orientando com novas notas críticas. Num lúcido prefácio, diz ele o que constituiu a ingente tarefa e dos esforços despendidos para a sua consecução. Primeiro, a dificuldade da leitura do texto; segundo, a seleção das cartas, a pedido da família, a fim de que não se divulgasse uma ou outra mais inconveniente; terceiro, a coleta de toda a correspondência. Foram publicadas, salvo raras exceções, as cartas que ainda se mantinham inéditas, e as eram na quase totalidade. Ainda assim não puderam ser copiadas as cartas escritas por Capistrano a Oliveira Lima, que se encontram na Universidade Católica de Washington. A tanto negaram-se os dirigentes da Lima Library, daquela Universidade.

Constitui-se a obra em dois grossos volumes, abrangendo a correspondência do grande escritor de um período que vai de 1880 a 1927. As cartas dirigidas ao historiador português João Lúcio de Azevedo enchem quase todo o segundo volume, tendo aquêle intelectual feito doação das cartas à Biblioteca Nacional quando da morte do nosso patricio, ocorrida em 1927. De 1928 até 1935, por ato governamental, ficou proibida não só a sua divulgação, como igualmente a sua consulta. Foi necessário uma lei federal desse último ano para que se tornasse possível a atual edição.

Realmente, é nessa correspondência com João Lúcio que mais aparece o gênio mordaz e irônico de Capistrano, dando vazas a certas críticas aos daqui da terra, inclusive a algumas maledicências miú-

dinhas, assinando-se o ilustre cearense *João Ninguém*, como que se sentindo frustrado ou desiludido de alguma coisa muito séria. Eis aí um trabalho para psicólogo, porquanto, de ponto de vista mundano e literário, morreu Capistrano cercado da estima e da admiração de seus concidadãos, não tendo motivo aparente para se sentir frustrado tão rudemente.

Trata-se de cartas simples, sinceras, espontâneas, revelando-se um Capistrano íntimo: chorando a morte da esposa, o ingresso de sua filha no convento, a morte do filho mais velho; rejubilando-se pelas edições de suas obras; ansiando pela remessa de certos documentos ou livros indispensáveis aos seus escritos; expondo seus planos, projetos, maneiras de trabalhar e de pesquisar.

Não sabemos se por engano dos intérpretes da letra de Capistrano ou se dêle próprio, à página 29 do primeiro volume, ao se referir a Michel Breal, chama-o o missivista de "eminente higienista". Sempre o soubemos "eminente lingüista"...